



Ecos no jardim de YHWH

Seis novas relações intertextuais entre Gn 2-3 e Nm 22-24

Teresa Akil

Introdução

“A intertextualidade também, abre janelas para outros textos e providencia espelhos que refletem estruturas textuais”¹.

Dentre os eficazes instrumentos pedagógicos utilizados para o desenvolvimento infantil estão os contos fabulosos, sempre permeados por manifestações oníricas intrínsecas ao imaginário humano e por desfechos morais exemplares.

Alguns autores da Sagrada Escritura, explorando esse caráter pedagógico, também utilizam os contos fabulosos a fim de que leitores de todas as épocas e idades pudessem aprender mensagens morais *ad eternum*.

Dois contos fabulosos são especialmente marcantes no Antigo Testamento: a história de Eva e a Serpente (Gn 3,1-6) e a história de Balaão e sua mula (Nm 22,22-35). Por mais insipiente que seja o conhecimento do leitor sobre os “assuntos da Escritura”, pelo menos essas duas histórias são de conhecimento público e notório.

Na Academia, entre professores e alunos, muitas foram às linhas escritas sobre as passagens, nos seus diversos aspectos. Nos anos 90, partindo da

¹ GRAHAM, Susan, *Intertextual Trekking: Visiting the iniquity of Fathers Upon the Next Generation*” *Semeia* 69/70 – *Intertextuality and the Bible*, January, 1995, p. 197.



leitura intertextual da Bíblia, G. Savran produziu um excelente estudo sobre as relações intertextuais entre Gn 2-3 e Nm 22-24².

Tendo como ponto de partida o trabalho de Savran, este artigo se propõe ampliar as relações intertextuais entre as histórias de Gn 2-3 e Nm 22-24. A partir de elementos inerentes a textualidade³, este artigo fará uma leitura comparativa de dois ou mais textos. Serão apontadas novas semelhanças e diferenças e serão elencados, comparativamente, mais alguns temas, aspectos dos personagens, palavras (paralelos léxicos), seqüência narrativa e conceitos/motivos teológicos.

1. Um pouco de teoria intertextual

O termo intertextualidade foi cunhado pela primeira vez pela crítica literária francesa Julia Kristeva em 1969, quando esta repensava as teorias e conceitos sobre diálogismo de Mikail Bahktin⁴.

Para Kristeva um texto é “um conjunto de enunciados, tomados de outros textos, que se cruzam e se relacionam” ou que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é uma retomada de outros textos. Na apropriação pode-se dar desde a simples vinculação a um gênero, até a retomada explícita de um determinado texto⁵”.

Essa concepção de texto como “mosaico de citações” acarreta a infinita reinvenção e repetição de formas e conteúdos, uma rede interminável em que diferentes seqüências transformam-se em outras seqüências, (re)utilizando de incontáveis maneiras os materiais textuais existentes⁶.

² SAVRAN, G., “*Beastly Speech: Intertextually, Ballam’s Ass and the Garden of Eden*”. *Journal of the Study of the Old Testament*, Jerusalem, n. 64, p. 1-40, 1994.

³ Por elementos inerentes à textualidade entende-se “quando de dois textos faz-se uma referência cruzada, elaborando um index de palavras repetidas, conceitos e motivos teológicos”. Conf. PENHANSKY, David, *Staying the Nigth: Intertextuality in Genesis and Judges*. In: FEWELL, Danna Nolan (ed.), *Reading Between Texts: Intertextuality and the Hebrew Bible (Literary Currents in biblical Interpretation)*, Louisville: Westminster/John Knox Press, 1992, p. 78.

⁴ ORR, Mary, *Intertextuality: Debates and Contexts*, Cambridge, Polity, Press, 2003, p. 20; ALLEN, Ghaham, *Intertextuality (The New Critical Idiom)*, London, Routledge, 2000, p. 39; VIGNER, Gerard, *Intertextuality, norma e legibilidade* In: GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni P. & OTONI, Paulo, *O texto, leitura e escrita*, Campinas, Pontes, 1997, p. 32.

⁵ KRISTEVA, Julia, *Introdução à semanálise*, trad. Lúcia Helena França Ferraz, São Paulo, Perspectiva, 2005, p. 68.

⁶ CACHERO, Antonio Pineda, *Comunicación y intertextualidad en El cuarto de atrás*, de Carmen Martin Gaité (1ª parte): Literatura versus propaganda, *Revista Especulo*, Madri, n.º 16, nov.2000/fev.2001, Disponível em:

<http://www.ucm.es/info/especulo/numero16/pineda1.html>, acesso em 16 ago.2006 ao referir-se à intertextualidade na obra *El cuarto de atrás*, de Carmen Martin Gaité, diz: “Textos sobre



Já a inserção de elementos dentro do texto, constrói uma rede dialógica da escritura-leitura: “Um texto estranho entra na rede da escritura: esta o absorve segundo leis específicas que estão por descobrir. Assim no programa de um texto, funcionam todos os textos do espaço lido pelo escritor⁷”.

Para essa crítica francesa a intertextualidade é um fenômeno que se encontra na base do próprio texto literário, imbricada com sua inserção num múltiplo conjunto de práticas sociais relevantes. A partir de Kristeva, “texto” passa a ser entendido como o evento situado na história e na sociedade, que não apenas reflete uma situação, mas é essa própria situação. “Pelo seu modo de escrever, lendo o *corpus* literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história, e a sociedade se escreve no texto⁸”.

É nessa percepção de que um texto pode ser aludido por outro, que se pode ler as histórias de Eva e da Serpente (Gn 3,1-6) e de Balaão e sua mula (Nm 22,22-35).

2. As semelhanças entre Gn 2-3 e Nm 22-24

O estudioso Savran G. no seu artigo “Beastly Speech: Intertextually, Ballam’s Ass and the Garden of Éden” (“O discurso das bestas: Intertextualidade, a mula de Balaão e o Jardim de Éden”) aponta várias alusões entre os textos de Gn 3,1-6 e Nm 22,22-35. Assim, começa dizendo que essas passagens são os dois únicos casos bíblicos onde animais conversam com pessoas. Exatamente por isso é possível traçar semelhanças entre os episódios da mula falante de Nm 22,22-35 e o da serpente falante de Gn 3,1-5⁹.

A *primeira semelhança* apontada pelo autor está na compreensão final das passagens de Gn 2-3 e Nm 22-24. Em outras palavras, para que o leitor compreenda com eficácia a mensagem das passagens, é necessário que entenda o que se passa no diálogo entre homens e animais, a parte mais importante dos respectivos blocos¹⁰.

A *segunda semelhança* é quanto à introdução dos textos: em ambos é o animal que, com desenvoltura, dirige a palavra ao ser humano (Gn 3,1 e Nm 22,28) e inicia uma conversa que gira em torno de uma proibição de YHWH – no caso de Gn a proibição de ser comer do fruto da árvore do bem

textos, textos dentro de textos, textos que condicionan y configuran la lectura de otros textos y que n última instancia, determinan el mundo de la protagonista”.

⁷ KRISTEVA, Julia, *Introdução à semanálise*, trad. Lúcia Helena França Ferraz, São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 98.

⁸ KRISTEVA, Julia, *Introdução à semanálise*, trad. Lúcia Helena França Ferraz, São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 98.

⁹ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 33-36.

¹⁰ SAVRAN, G., *op. cit.*, p.34.

e do mal (Gn 2,16-17) e em Nm Balaão ir ao encontro de Balaque (Nm 22,22)¹¹.

A *terceira semelhança* apontada por Savran é o fato das passagens não explicarem como animais podem falar com tanta habilidade e da falta de estranheza dos personagens humanas, que naturalmente conversam com os animais¹².

A *quarta semelhança* destacada é que, durante o diálogo, os animais persuadem os humanos com frases interrogativas (Gn 3,1 e Nm 22,28) que não são respondidas com afirmações ou negações, antes, necessitam de respostas explicativas¹³.

A *quinta semelhança* é o fato de YHWH ser o doador das falas e visões dos personagens. Em Gn 3, a serpente usa esse “dom” para a perversão e em Nm 22,22-35 para “ajudar” Balaão¹⁴.

A *sexta semelhança* é com relação à fala dos animais: ambas levam seus interlocutores para o caminho errado – a serpente leva Eva a errar e, conseqüentemente, a morte, e a mula leva Balaão à vida, pois o leva para longe do anjo¹⁵.

A *sétima semelhança* é que os animais têm uma profunda compreensão do relacionamento entre os homens e a divindade. Assim, seus diálogos funcionam pedagogicamente para os homens¹⁶.

A *oitava semelhança* entre as narrativas apontadas por Savran está na conclusão das histórias: após a conversa entre o homem e o animal, desejos de dominações são demonstrados. Em Gn 3, as maldições são proferidas diretamente pela divindade sobre o homem, a mulher, a serpente e a natureza, todos os elementos participativos do bloco de Gn 2-3. Já em Nm, o desejo de Balaque de amaldiçoar e dominar sobre Israel, a partir das palavras proferidas por Balaão é frustrado¹⁷.

2.1. Novas semelhanças entre Gn 2-3 e Nm 22-24

As semelhanças apontadas por Savran são convites para a localização de novos pontos de analogia entre as duas narrativas. Ao todo, seis novos tópicos de aproximação podem ser apontados entre Gn 2-3 e Nm 22-24.

¹¹ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 37-38.

¹² SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 38.

¹³ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 38-39.

¹⁴ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 39-40.

¹⁵ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 40.

¹⁶ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 40.

¹⁷ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 41.

A *primeira semelhança* entre as passagens é a localização canônica dos textos no conjunto do Pentateuco. Levando-se em consideração que Deuteronômio é o livro que faz a transição entre o Pentateuco e a Obra Histórica Deuteronomista, tem-se um Tetrateuco narrativo (Gn, Ex. Lv e Nm) onde Gn 1,3-5 poderia ser lido como um “conto fabuloso” de abertura e Nm 22,22-35 como um “conto fabuloso” de fechamento da Torah. Graficamente, se teria:

Gênesis	Êxodo	Levítico	Números
Gn 3,1-5: “conto fabuloso” de abertura.	Tradições do Êxodo, Tradições do Deserto e Tradições Legais.		Nm 22,22-35: “conto fabuloso” de fechamento.

Ampliando o gráfico acima e recordando o esquema feito por Zenger para expor a narratologia da Torah, onde diz que “no nível narrativo, o Pentateuco também pode ser lido como o caminho dramático de Israel para a terra da promessa”, teria-se¹⁸:

Gênesis	Êxodo	Levítico	Números
Criação e promessa da terra. ↓ Gn 3,1-5: “conto fabuloso” de abertura.	Do Egito pelo deserto do Sinai.	No Sinai.	Do Sinai pelo deserto a Moab (à divisa da terra prometida). ↓ Nm 22,22-35: “conto fabuloso” de fechamento.

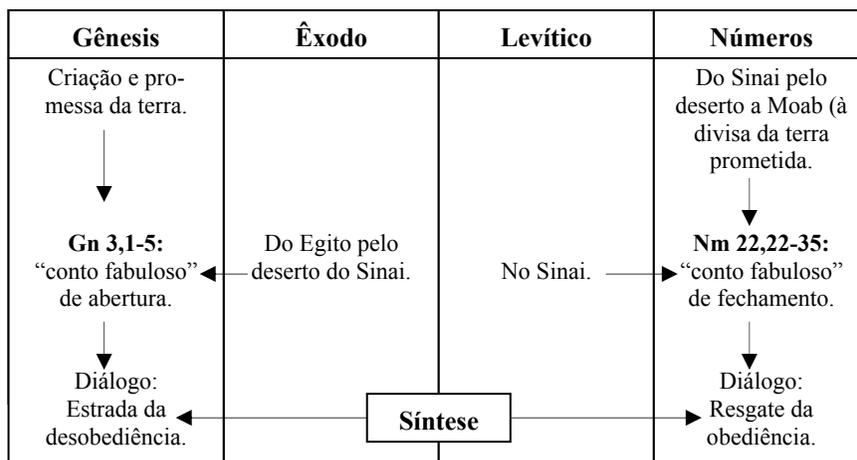
Como demonstrado acima, comparando-se as duas passagens no esquema macro do Pentateuco, pode-se perceber que ele é aberto por um “conto fabuloso” no qual a humanidade, desde a sua criação, é amaldiçoada (Gn 3,1-5) e é fechado por um “conto fabuloso” onde Israel é protegido dessa maldição generalizada (Nm 22,22-25).

Na história de Balaão (Nm 22-24) Israel é sempre abençoado (22,12; 23,7-10; 23,20-24 e 24,5-7) e preservado da maldição de Gn 3. Por outro lado, os inimigos de Israel eleito são maldiçoados (Nm 24,17-24), permanecendo sob a maldição de Gn 3,14-19.

Mais interessante fica a macroestrutura levando-se em consideração que a parte dialogal de Gn 3,1-5 é responsável pela maldição proferida sobre

¹⁸ ZENGER, Erich, *Introdução ao antigo Testamento*, São Paulo, Loyola, 2003, p. 48.

tudo e todos (Gn 3,14-19). O diálogo entre Eva e uma serpente é o estopim para que a desobediência “entrasse no mundo”, trazendo a maldição como consequência (Gn 3,14-19). Contrapondo-se a isso, o diálogo entre Balaão e sua mula é o episódio que resgata a obediência perdida dos primórdios, através do alerta ao profeta para que ele fale apenas o que lhe será ordenado (Nm 22,35)¹⁹. Graficamente, se teria:



Assim como pelo diálogo com um animal astuto, a serpente, (Gn 3,1) a desobediência entrou no mundo, pela mesma via dialogal, agora com um animal estúpido, a mula, a obediência retorna.

A *segunda semelhança* entre Gn 3,1-6 e Nm 22,22-35 é com relação às personagens e seu posicionamento em cena. As personagens envolvidas no diálogo ficam sozinhas em cena, enquanto os outros personagens do relato somem momentaneamente, só reaparecendo quando o diálogo já chegou ao fim.

O texto Gn 3,1-6 tem como limite anterior Gn 2,18-25 onde é descrita a formação da mulher. Essa passagem chega ao seu termo com três personagens: YHWH, o homem e a mulher. Entretanto, em Gn 3,1-5 apenas a mulher está em cena, conversando com a serpente. A participação do homem e de YHWH se dão posteriormente, respectivamente nos v. 6 e v. 7ss.

O mesmo ocorre em Nm 22,22-35, que tem seu limite anterior em Nm 22,2-21, cena onde Balaão levantando-se pela manhã, sela sua jumenta e parte com os príncipes de Moab para encontrar com Balaque (Nm 22,21) e é

¹⁹ Para uma melhor compreensão sobre Balaão, como um profeta fiel a YHWH, conf. AKIL, Teresa, “Balaão, o obediente – A imagem de Balaão a partir de uma nova leitura de Nm 22,2-24,25”, *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano X, facs. 23, 2006, p. 249-264.

interceptado pelo anjo de YHWH (Nm 22,22-27). Após o diálogo (Nm 22,28-31), onde figuram apenas Balaão e a mula, voltam à cena o anjo de YHWH (Nm 22,32ss) e os príncipes de Balaque (Nm 22,35).

Diante dessas observações, se teria uma semelhança de estrutura quiástica quanto ao posicionamento dos personagens nas tramas:

Gênesis	Números
Gn 2,18-25: YHWH, homem e mulher	Nm 22,2-21: Balaque, Mensageiros ²⁰ e Balaão
Gn 3,1-5: Eva e a Serpente	Nm 22,28-31: Balaão e a Mula
Gn 3,6-23: YHWH, homem e mulher	Nm 22,35: Balaque, Mensageiros e Balaão

Por enquanto apontou-se uma primeira semelhança entre Gn 3,1-6 e Nm 22,21-35 na localização canônica das narrativas (estrutura externa), depois apontou-se uma segunda nova semelhança na localização dos personagens na narrativa (estrutura interna) e agora, apresentar-se-ão quatro novas semelhanças concernentes ao tema (através de paralelos léxicos) na seqüência narrativa e conceitos/motivos teológicos.

Analisando os textos quando ao tema na seqüência narrativa, tem-se *terceira semelhança* entre as histórias de Gn 3,1-6 e Nm 22,22-35. Nas duas narrativas, após conversarem com os animais, os seres humanos “têm seus olhos abertos” e conseguem “ver a dimensão espiritual”:

Gn 3,6-7: Então, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do fruto, comeu, e deu a seu marido, e ele também comeu. Então **foram abertos os olhos de ambos** e conheceram que estavam nus; pelo que coseram folhas de figueira e fizeram para si aventais.

Nm 22,31: E **descobriu Javé o olho de Bil'am e viu o mensageiro de Javé** parado no caminho e sua espada desembainhada em sua mão e inclinou-se e prostou-se em direção às narinas dele.

Em Gn 3,7 o verbo utilizado é “abrir os olhos” (*paqah*), enquanto que em Nm 22,31 é “descobrir” (*galah*). É interessante notar que, apesar de possuírem raízes diferentes, esses verbos apontam para uma mesma direção. O

²⁰ Na passagem de Nm 22,2-22 estão em cena tanto mensageiros de Balaque (v. 5.7.15.21) e como o mensageiro de YHWH (v. 22).



verbo no Nifal de Gn 3,7 leva o leitor a entender que ao comer do fruto, os homens tiveram seus olhos abertos por alguém. Já o verbo de Nm 22,31 está no Piel, onde assume o significado de “fazer saber, mostrar e revelar”, e deixa explícito que foi YHWH quem revelou algo a Balaão.

Através desta análise verbal, o leitor pode perceber que nas duas histórias YHWH é o agente de Gn 3,7 e Nm 22,32. É ele quem abre os olhos dos homens. E mais, é também ele quem permite que os homens vejam a esfera do divino e compreendam toda a situação vivenciada.

A *quarta semelhança* ainda está relacionada à seqüência narrativa: ambas as passagens contam com seres angelicais enviados por YHWH. Em Gn 3,24, querubins são colocados por YHWH em frente ao jardim de Éden e em Nm 22,22-35 o anjo de YHWH aparece a Balaão quando ele ia para a terra de Moab (Nm 22,22). Além de serem enviados por YHWH, esses seres angelicais têm em comum o fato de aparecerem nas passagens ligadas a uma espada (Gn 3,24 e Nm 22,23-31).

Quanto à função na narrativa, os seres angelicais funcionavam como um sinal que deixaria o homem em permanente estado de vigia. Em Gn 3,24 o querubim vigiava, guardava o caminho da árvore da vida para que o homem não conseguisse comer do seu fruto. O anjo de Nm 22,22-35 serviu para deixar Balaão em permanente estado de vigia, para que ele só falasse a Balaque o que YHWH ordenasse (Nm 22,35).

Ainda analisando a seqüência narrativa, encontra-se uma *quinta semelhança* na conclusão das histórias: após a conversa entre o homem e o animal, maldições são proferidas direta ou indiretamente pela divindade as outras personagens que participam da história. Em Gn 3, as maldições são proferidas diretamente pela divindade sobre o homem, a mulher, a serpente e a natureza, todos os elementos participativos do bloco de Gn 2-3. Já em Nm, as maldições são proferidas por Balaão – que fala como mensageiro de YHWH – em seus oráculos contra os povos inimigos de Israel (Nm 24).

A *sexta semelhança* está na tradição perpetuada pelos episódios. Tanto em Nm 22,22-35 como em Gn 3,1-5, os personagens principais têm suas imagens desmoralizadas para o leitor atual. O diálogo com a serpente resultou na associação de Eva como a “pecadora original”, ela “cedeu à tentação” e comeu do fruto, desobedecendo a YHWH.

Já a mula foi quem marcou a história de Balaão, transformando-o para a tradição num profeta cego, que não conseguia ver nem o que sua mula viu.

3. As diferenças entre Gn 2-3 e Nm 22-24

Retornando ao texto de Savran, após elencar as semelhanças ele aponta algumas diferenças entre Gn 2-3 e Nm 22-24. A primeira é que em Gn 3,1 a pergunta da serpente serve para trazer dúvida à mulher, enquanto que a de Balaão serve para esclarecer uma situação²¹. Segunda, enquanto em Gn 3 a consequência da conversa com o animal (Gn 3,14-19) é o estabelecimento da inimizade entre homens-natureza, a expulsão do homem do local da divindade e a vivência sem proteção: em Nm 22-24, a consequência é o livramento e a proteção de Deus dispensada a Israel²². Terceira, enquanto em Gn 3 a obediência a voz da serpente é a rejeição da autoridade, em Nm 22,2-35, ouvir a voz do anjo é cumprir a vontade de Deus e sujeitar-se a sua autoridade (22-35)²³. A serpente é o protótipo da insubmissão; e a mula, da submissão a YHWH²⁴.

3.1. As novas diferenças entre Gn 2-3 e Nm 22-24

Além dessas diferenças, três novas podem ser encontradas entre Gn 2-3 e Nm 22-24. A *primeira diferença* é com relação à figura angelical. O querubim de Gn 3 é mudo, não interage com os personagens, diferente do de Nm 22, que trava um diálogo com Balaão (22,23-35):

v. 32 E disse para ele o mensageiro de Javé: Porque golpeaste a tua mula esta terceira vez. Eis eu saí para resistir, pois se precipitou (lançou) no caminho contra mim.

v. 33 E me viu a mula e desviou-se de diante de mim esta terceira vez, todavia desviou de diante de mim porque agora também a ela matei e a ela deixei viver.

A *segunda diferença* que deve ser destacada em Gn 3,1-6 e Nm 22,22-35 é que, enquanto em Gn 3 a serpente é tida como o animal mais astuto criado por Javé e a responsável indireta pela indução da primeira transgressão humana, em Nm 22, a mula é fiel e sincera serviçal de Balaão, que nunca agiu com teimosia e rebeldia para com seu proprietário.

A *terceira diferença* é que enquanto a serpente de Gn 3 conduz Eva à transgressão e à rebeldia para com YHWH, em Nm 22,22-31 é a mula de

²¹ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 38-39

²² SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 41

²³ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 49-50

²⁴ SAVRAN, G., *op. cit.*, p. 51

Balaão o conduz a realizar a vontade de YHWH, ouvindo o conselho do ser angelical que, mais uma vez, o adverte a falar apenas o que lhe for ordenado (Nm 22,35).

Conclusão

As seis novas semelhanças e as três novas diferenças apontadas aqui entre Gn 2-3 e Nm 22-24 vêm corroborar com as palavras de Susan Graham: Leituras intertextuais são verdadeiras janelas, que se abrem tanto na superfície textual (leia-se nos elementos semânticos) como na profundidade textual (ou no aspecto sintático). E como textos são feitos de leitores e pelos olhos destes ganham vida, certamente, em novas leituras, novas janelas serão abertas.

Concluindo este artigo, coloca diante dos leitores o desafio de tentar entender qual a finalidade última do escritor sagrado ao colocar as histórias de Eva e da serpente e a de Balaão e sua mula na posição que hoje se encontram, respectivamente, abrindo e fechando o Tetrateuco. Eva abre a janela para a desobediência – “viu que a árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do fruto, comeu, e deu a seu marido, e ele também comeu” –, Balaão abre a janela para a obediência – “só a palavra que Deus falar, falarei”.

Abrir e fechar janelas. Começar e terminar histórias. Essa pode ser a moral contrastante desses contos, em todos os sentidos, fabulosos: podemos começar nossa história em desobediência, mas não devemos assim finalizá-la.

Teresa Kalil

Doutoranda em Teologia Bíblica pela PUC-Rio

Referências Bibliográficas

- AKIL, Teresa, “*Balaão, o obediente – A imagem de Balaão a partir de uma nova leitura de Nm 22,2-24,25*”. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano X, fasc. 23, 2006, p. 249-264.
- ALLEN, Ghahan, *Intertextuality (The New Critical Idiom)*, London, Routledge, 2000.
- BAKTHN, Michail, *Questões de Literatura e Estética – A teoria do romance*, 3ª ed., São Paulo, UNESP, 1993.

- FEWELL, Danna Nolan (ed.), *Reading Between Texts: Intertextuality and the Hebrew Bible (Literary Currents in Biblical Interpretation)*, Louisville, Westminster/John Knox Press, 1992.
- GRAHAM, Susan, “*Intertextual Trekking: Visiting the Iniquity of the Fathers Upon the Next Generation*” *Semeia* 69/70 – *Intertextuality and The Bible*, January, 1995.
- KRISTEVA, Julia, *Introdução à semanálise*, Trad. Lúcia Helena França Ferraz, São Paulo, Perspectiva, 2005.
- ORR, Mary, *Intertextuality: Debates and Contexts*, Cambridge, Polity Press, 2003.
- PENHANSKY, David, *Staying the Nigth: Intertextuality in Genesis and Judges*, In: FEWELL, Danna Nolan (ed.), *Reading Between Texts: Intertextuality and the Hebrew Bible (Literary Currents in Biblical Interpretation)*, Louisville, Westminster/John Knox Press, 1992.
- PINEDA CACHERO, Antonio, “*Comunicación e Intertextualidad en El cuarto de atras*”, de Carmen Martin Gaité (1ª parte): literatura versus propaganda, *Revista Especulo*, Madri, n.º 16, nov.2000/fev.2001, Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero16/pineda1.html>, Acesso em 16 ago.2006.
- SAVRAN, G., “*Beastly Speech: Intertextually, Ballam’s Ass and the Garden of Eden*”, *Journal of the Study of the Old Testament*, Jerusalem, n.º 64, p. 1-40, 1994.
- VIGNER, Gerard, *Intertextualidade, norma e legibilidade*, In: GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni P. & OTONI, Paulo, *O texto, leitura e escrita*, Campinas, Pontes, 1997.
- ZENGER, Erich, *Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo, Loyola, 2003.